

GOETHE À BRASILEIRA

Produção literária do poeta alemão foi influenciada por obras de naturalistas que viajaram pelo Brasil no século XIX

RODRIGO DE OLIVEIRA ANDRADE

Rev. Pesquisa FAPESP – Edição 242 / Abril de 2016



Tulipas, primulas e rosas ilustram o estudo de Goethe: "A metamorfosedas plantas /Reprodução do Livro Lebensfluten

Em 1817, em vista do casamento da arquiduquesa Leopoldina com o príncipe herdeiro e futuro imperador do Brasil, dom Pedro, começou a ser planejado na Áustria o que ficou conhecido como expedição austríaca, investigação científica, que trouxe ao país pesquisadores e artistas para estudar e retratar espécies e paisagens próprias da biodiversidade brasileira. Entre os membros da comitiva que acompanhou a arquiduquesa na viagem nupcial ao Brasil, estavam o zoólogo **Johann Baptist von Spix** e o botânico **Carl Friedrich von Martius**, que iniciaram no Rio de Janeiro uma longa jornada pelo interior do país. A viagem deu origem à *Flora brasiliensis*, obra que revelou detalhes do Brasil ao Velho Mundo. Essa história, bem documentada, deu origem a outra, menos conhecida: as literaturas de viagem incluíram o Brasil no círculo de estudos e interesses do poeta alemão **Johann Wolfgang von Goethe** (1749-1832), que não só

se correspondeu com **Carl Friedrich** von **Martius** como também o encontrou várias vezes após seu retorno à Alemanha.

No dia 13 de setembro de 1824, **Goethe** registrou em seu diário a visita de **Martius** a sua casa em Weimar, Alemanha. Entre outros detalhes do encontro, o poeta menciona ter pendurado em seu escritório um grande mapa do Brasil para saudar o naturalista, ao qual se referia como “o brasileiro Martius”. “Podemos tomar esse gesto como símbolo do interesse que **Goethe** demonstrou pelo Brasil em vários momentos de sua vida”, diz o pesquisador **Marcus Mazzari**, do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo (USP). **Mazzari** estudou os diários de **Goethe** e consultou suas fichas de empréstimos na biblioteca de Weimar, que registram a retirada de vários livros sobre o Brasil, entre eles *Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817*, do príncipe **Maximilian** zu **Wied-Neuwied**, primeiro naturalista de renome vindo da Alemanha para estudar o Brasil. Na obra de 1820, **Wied-Neuwied** apresenta um registro dos locais por onde passou, com descrições sobre geologia, fauna e flora, além dos habitantes e seus costumes. Em outro trecho de seu diário, **Goethe** assinala a leitura do livro *Viagem ao interior do Brasil*, publicado em 1812 pelo geólogo inglês **John Mawe**.

Marcus Mazzari apresentou esses e outros aspectos de suas pesquisas sobre as relações de **Goethe** com cientistas que



viajaram pela América do Sul no século XIX em um colóquio na Biblioteca Brasileira Mindlin, em março, na USP. Segundo o pesquisador, o poeta alemão começou a se interessar pelo Brasil, em 1782, quando escreveu dois poemas, com o subtítulo “*Brasilianisch*”, inspirados no ensaio “*Dos canibais*”, do filósofo francês **Michel de Montaigne** (1533-1592). Nele, Montaigne faz sua interpretação de duas canções em tupi que ouvira em Rouen, França, de três índios brasileiros.

A relação de **Goethe** com o Brasil intensificou-se quatro décadas mais tarde, a partir de seu contato pessoal com **Martius** e as primeiras versões do que viria a ser a *Flora brasiliensis*, que o poeta alemão leu e releu enquanto elaborava a conclusão de *Fausto II*, segunda parte de sua obra clássica. “No *Fausto II* há diversas metáforas botânicas, que talvez possam ser tributárias do intenso intercâmbio científico que **Goethe** estabeleceu com **Martius**”, explica **Marcus Mazzari**.

O naturalista chegou a enviar a **Goethe** amostras do material recolhido durante a expedição no Brasil, o que teria influenciado as concepções do poeta sobre o formato das plantas e seu processo de metamorfose. Em março de 1831, **Goethe** retirou mais uma vez da biblioteca de Weimar o atlas da descrição da viagem de **Johann Baptist von Spix** e **Carl Friedrich von Martius** pelo Brasil, enquanto se ocupava com os estudos feitos pelo botânico sobre a vegetação brasileira. Ao estudar o Brasil, o escritor estava interessado em dois assuntos: geologia e botânica, especialmente a teoria de **Martius** sobre a “tendência espiral das plantas”. Para **Marcus Mazzari**, isso mostra a amplitude dos interesses de **Goethe**, que pesquisou várias áreas do conhecimento e se correspondeu com os mais influentes cientistas de seu tempo até o fim da vida.



Reprodução do Livro Flora Brasilienses (Lebensfluten - Tatensturm)

Reprodução de espécie no livro *Flora brasiliensis*, de **Martius**, autor de uma teoria sobre a “tendência espiral das plantas”

As obras de **Johann Wolfgang von Goethe** (1749-1832) também ajudaram a aperfeiçoar os recursos literários de **Carl Friedrich von Martius**. O jovem botânico, em seus anos brasileiros, carregava consigo os livros *Fausto I* e *Metamorfose das plantas*, investigação botânica de **Goethe** publicada pela primeira vez em 1790. “*Os escritos de Martius revelam excelentes recursos literários, como demonstra o relato Viagem pelo Brasil 1817-1820*”, destaca **Marcus Mazzari**. A leitura das obras de **Goethe**, principalmente do *Fausto I*, parece ter sido importante para o Martius escritor. Durante a expedição brasileira, sobretudo na etapa amazônica, o naturalista escreveu poemas sobre os ambientes que visitou e os enviou a **Goethe**. Outro exemplo do interesse literário de Martius é observado em *Frei Apolônio – Um romance do Brasil*, escrito em 1831 e ambientado no país.